

## RESULTADOS ESTATÍSTICOS SOBRE O ABANDONO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO NO IPT

Luís Miguel Grilo  
lgrilo@ipt.pt

RELATÓRIO TÉCNICO  
n.º 1  
Novembro de 2007



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR**  
Centro de Sondagens e Estudos Estatísticos

### 1 Introdução

O insucesso e o abandono escolar, no ensino secundário e superior, constituem um problema que adquiriu maior relevância nos últimos tempos. A redução do número potencial de alunos (causado pelo decréscimo demográfico), em ambos os níveis de ensino, e a necessidade de Portugal se aproximar dos valores médios de escolaridade dos seus parceiros europeus são, certamente, factores que conferem ao problema uma maior dimensão. Logo no início do ano o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, manifestou preocupação sobre este assunto, na sua mensagem de Ano Novo, referindo que: “É necessário um combate sem tréguas ao insucesso e abandono escolar e terá de haver já em 2007 sinais positivos” (adaptado da página oficial da Presidência da República, [www.presidencia.pt](http://www.presidencia.pt)).

De acordo com números do Eurostat de 2006, o abandono escolar em Portugal, durante dez anos, diminuiu apenas 0,1 por cento, contrastando com o que se passou na União Europeia (UE), cuja redução foi de 4,6 por cento. A percentagem de população adulta envolvida em acções de formação-educação diminuiu, também, entre os anos 2000 e 2005, ao contrário do que sucedeu na UE. Ainda com base nos números do Gabinete de Estatística da UE, são os homens, entre os 18 e os 24 anos, os mais afectados: entre 1996 e 2006, o abandono escolar masculino em Portugal aumentou 1,6 pontos percentuais, tendo passado de 45,6 por cento para 47,2 por cento, enquanto na UE a 15 passou de 23,7 por cento para 19,5 por cento (adaptado do Jornal de Notícias, 28.04.2007). Ainda em 2006 o Tribunal de Contas da UE criticou Portugal por não ter uma estratégia coordenada para o estudo do abandono escolar precoce e por não apostar na prevenção, com acções para menores de 15 anos (adaptado do Diário de Notícias, 28.04.2006).

No ensino secundário 1/3 dos alunos não concluem o 9.º ano de escolaridade e, por ano, 35 mil alunos abandonam o ensino secundário sem o terminar. Para combater este problema o Governo tem apostado no ensino profissional e ensino vocacional, pois considera que os alunos abandonam os estudos por não encontrarem resposta no sistema educativo para os seus interesses. De acordo com o Secretário de Estado da Educação, Valter Lemos, no ano de 2006 houve um “crescimento sem paralelo na história recente” nos cursos Profissionais e cursos de Educação e Formação, áreas em que o Governo atribui “prioridade absoluta”. Em Setembro de 2007, o primeiro-ministro, José Sócrates, afirmou, também, aquando da assinatura dos primeiros contratos de autonomia entre o Ministério da Educação e 22 estabelecimentos de ensino que: “há dez anos havia o dobro do dinheiro, mais professores e menos alunos, o mesmo resultado, o mesmo insucesso escolar, o mesmo abandono escolar”. Reforçou, ainda, que o seu Executivo realizou “um grande combate ao desperdício. Não gastámos mais dinheiro, mas aumentámos o número de alunos e melhorámos os resultados escolares” (adaptado do Jornal Público, 10.09.2007). Por outro lado, alguns investimentos têm sido apresentados no sistema de ensino, nomeadamente ao nível de material tecnológico, o que tem levado o primeiro-ministro a citar, numa versão portuguesa, a conhecida frase de Derek Bank (president of Harvard): “If you think education is expensive, try ignorance”.

No ensino superior, o Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal (MCTES), José Mariano Gago, considerou, na sua intervenção oral na Conferência de Ministros do Processo de Bolonha em Bergen, que Portugal esteve, nos últimos anos, activamente empenhado em promover as necessárias reformas ao nível do ensino superior para a prossecução dos objectivos de Bolonha e que se encontra agora na designada «Transição de Fase de Bergen», que será porventura despoletada, desenvolvida e medida com base em vários parâmetros, em que os dois primeiros são: aumentar o número de estudantes em idade adulta no ensino superior, removendo as barreiras existentes à sua entrada e ao seu sucesso, com especial atenção às raízes sociais e económicas dessas mesmas barreiras; e, reduzir as taxas de abandono escolar no ensino superior (adaptado do Portal do Governo, [www.portugal.gov.pt](http://www.portugal.gov.pt) e de [www.mctes.pt](http://www.mctes.pt)). Também, o Programa do XVII Governo Constitucional considera como uma prioridade nacional a promoção do sucesso escolar e o combate ao abandono e insucesso no ensino superior. Neste sentido, no âmbito do MCTES e do Programa Operacional da Ciência e Inovação (POCI 2010) esteve aberto em 2006 um concurso público para o financiamento de projectos de diagnóstico e intervenção para promover o sucesso escolar e combater o abandono e o insucesso no ensino superior, envolvendo os estabelecimentos de ensino superior universitário e politécnico, as suas unidades orgânicas e centros de investigação

associados, assim como as federações e associações de estudantes (adaptado de [www.poci2010.mctes.pt/home](http://www.poci2010.mctes.pt/home)).

Consciente e preocupado com o insucesso e abandono escolar o Instituto Politécnico de Tomar (IPT) efectuou um inquérito telefónico (ver questionário no Anexo A) aos alunos que não se matricularam, no ano lectivo 2005/2006, no curso que estavam a frequentar na Escola Superior de Tecnologia de Tomar (ESTT), com intuito de identificar, e em alguns casos confirmar, quais os motivos que os levou a abandonar o curso que frequentavam na Instituição. Para termos uma noção do interesse deste estudo basta atendermos que, no ano lectivo 2005/2006 o número total de alunos da ESTT que se matricularam no 1.º ano/1.ª vez foi de 267, e os alunos que não se matricularam, no curso que tinham frequentado no ano lectivo anterior, foi de cerca de 280, dos quais conseguimos inquirir 193 alunos.

Na Secção 2 deste relatório apresentamos e procuramos interpretar os resultados alcançados na análise estatística dos inquiridos e na Secção 3 fazemos algumas considerações finais.

## 2 Análise estatística de dados obtidos por inquérito

Dado que nem todos os alunos que abandonaram o curso que frequentavam na ESTT foram inquiridos, por não se encontrarem disponíveis no momento do contacto telefónico, dispomos então de uma amostra de 193 alunos que podemos considerar representativa da população em estudo. Realizamos uma análise, essencialmente, ao nível da Estatística Descritiva, com o objectivo de identificar quais os motivos que contribuem para o abandono escolar.

Na Tabela 1 temos a distribuição dos alunos por distrito, que não se matricularam no ano lectivo de 2005/2006, e como podemos verificar estamos perante uma amostra muito heterogénea, são 16 os distritos de Portugal e dois concelhos, Angra e Funchal, das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, respectivamente. A maioria dos alunos (51,3%) que abandonou o curso da ESTT é do distrito de Santarém. Seguem-se com maiores percentagens de abandono os distritos contíguos ao de Santarém, ou mais próximos deste: Lisboa, com 11,4%; Leiria, com 7,8%; e, Coimbra, com 5,2%. Estes distritos são, habitualmente, dos que mais contribuem com alunos para o IPT.

Tabela 1. Distribuição dos alunos por distrito.

Distrito	N.º de alunos	%
Não respostas	1	0,5
Abrantes	2	1,0
Angra do Heroísmo	1	0,5
Aveiro	7	3,6
Braga	2	1,0
Castelo Branco	6	3,1
Coimbra	10	5,2
Évora	1	0,5
Faro	2	1,0
Funchal	2	1,0
Guarda	6	3,1
Leiria	15	7,8
Lisboa	22	11,4
Portalegre	3	1,6
Portimão	1	0,5
Porto	7	3,6
Santarém	99	51,3
Setúbal	3	1,6
Viseu	3	1,6
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 2 temos a distribuição dos alunos que abandonaram pelos diferentes cursos da ESTT do IPT. 37,3% dos alunos do curso de Engenharia Civil e 16,1 % dos alunos do curso de Tecnologia de Artes Gráficas não se matricularam, no ano lectivo de 2005/2006. De notar que estes são,

habitualmente, dos cursos com maior número de alunos. Na amostra os cursos com menores percentagens de abandono são Fotografia (3,1%) e Conservação e Restauro (3,6%).

Tabela 2. Distribuição dos alunos por curso superior.

Curso	N.º alunos	%
Artes Plásticas e Pintura	16	8,3
Conservação e Restauro	7	3,6
Eng.º do Ambiente	9	4,7
Eng.º Civil	72	37,3
Eng.º Electrotécnica e Computadores	16	8,3
Eng.º Informática	11	5,7
Eng.º Química	11	5,7
Fotografia	6	3,1
Gestão do Território e do Património Cultural	14	7,3
Tecnologia e Artes Gráficas	31	16,1
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 3 verificamos que dos 193 alunos que constituem a amostra, 73 são do sexo feminino e 120 do sexo masculino, a que corresponde 37,8% e 62,2%, respectivamente. É considerável a diferença percentual entre os dois sexos, na amostra. De notar que não dispomos do número total de alunos, por sexo, matriculados na ESTT no ano lectivo de 2005/2006, pelo que não podemos concluir se o rácio entre o número de alunos que abandonaram e o número de alunos que estavam inscritos é, também, superior para o sexo masculino.

Tabela 3. Distribuição dos alunos por "sexo".

Sexo	N.º alunos	%
Feminino	73	37,8
Masculino	120	62,2
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 4 temos algumas estatísticas relativas à variável "idade" dos alunos que abandonaram o curso que frequentavam. A média de idades da amostra global é de 27,6 anos; a média das idades do sexo feminino é de 27 anos e do sexo masculino é de 28 anos. Se atendermos a outras medidas de tendência central como a mediana, temos 25 anos para as mulheres e 28 para os homens; a moda nas mulheres é ter 22 anos e nos homens é ter 28 anos. Por comparação destas três medidas (média, mediana e moda), a distribuição da variável é assimétrica positiva, no caso do sexo feminino, e simétrica, no caso do sexo masculino. Com as medidas de ordem (1.º e 3.º quartil) verificamos, novamente, que os homens abandonaram o curso, relativamente, mais tarde; o que, entre outros factores, poderá ficar a dever-se ao facto de, em média, entrarem, habitualmente, mais tarde para o ensino superior. Dos valores das medidas de ordem para a amostra global, podemos ainda retirar a seguinte interpretação: os 25% de alunos mais novos que abandonaram o curso tinham uma idade entre os 19 e os 23 anos e os 25% de alunos mais velhos uma idade aproximada entre os 30 e os 52 anos. A dispersão relativa das idades é ligeiramente superior no sexo feminino, pois o coeficiente de variação (25,9%) é superior ao do obtido para o sexo masculino (21,8). No entanto, como regra prática, dado que ambos os valores são inferiores a 50%, podemos considerar a média aritmética a medida de tendência central apropriada para representar os dados da amostra. Temos, ainda, que a menor idade é de 19 anos, para ambos os sexos, e a maior idade é de 50 anos para os homens e 52 para as mulheres.

Tabela 4. Características amostrais da variável quantitativa “idade”, para a amostra global e por sexo.

Idade	Amostra global	Sexo	
		Feminino	Masculino
Dimensão da amostra	193	73	120
Média	27,6	27	28
Intervalo de confiança a 95%	[26,7; 28,5]	[25,4; 28,7]	[26,9; 29,1]
Média aparada (5%)	27	26,3	27,5
Mínimo	19	19	19
Máximo	52	52	50
Moda	28	22	28
1.º quartil	23	22	23
2.º quartil (mediana)	27	25	28
3.º quartil	30,5	30	31
Desvio padrão	6,5	7	6,1
Coefficiente de variação (%)	23,6	25,9	21,8

Da Figura 1 consta o diagrama de barras, para ambos os sexos, da variável “idade”. É, então, possível confirmar que, para o sexo feminino, a distribuição da variável é assimétrica positiva e que, para o sexo masculino, se não tivermos em conta algumas das observações extremas na aba direita da distribuição, quase não identificamos enviesamento.

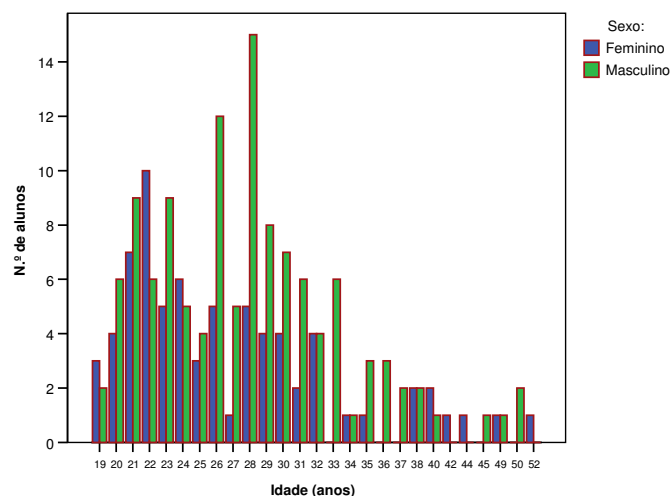


Figura 1. Diagrama de barras para a variável “idade”, por sexo.

Na Tabela 5 verificamos que quase metade dos alunos que abandonaram o curso (49,7%) é trabalhador estudante. Temos, ainda, 18,7% de não respostas, onde é possível que alguns destes alunos embora trabalhadores não possuam tal estatuto.

Tabela 5. Distribuição da variável qualitativa nominal “estatuto do estudante”.

Trabalhador estudante?	N.º de alunos	%
Não respostas	36	18,7
Não	61	31,6
Sim	96	49,7
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 6 podemos constatar que, das 73 mulheres, 35 (47,9%) são trabalhadoras estudantes e dos 120 homens, 61 (50,8%) são trabalhadores estudantes.

Tabela 6. Cruzamento das variáveis “estatuto do estudante” e “sexo”.

Sexo	Trabalhador Estudante:			Total
	Não	Sim	Não respostas	
Feminino	<b>25</b> (34,2%)	<b>35</b> (47,9%)	<b>13</b> (17,8%)	73
Masculino	<b>36</b> (30,0%)	<b>61</b> (50,8%)	<b>23</b> (19,2%)	120
<b>Total</b>	61 (31,6%)	96 (49,7%)	36 (18,7%)	<b>193</b> (100,0%)

Na Tabela 7 constatamos que à pergunta “A profissão estava relacionada com o curso que frequentava?”, aproximadamente, 25% dos alunos respondeu que “sim”. Mais de metade dos alunos (54,4%) não responde a esta questão, talvez porque, ainda, que considere que existe alguma relação esta não é muito significativa.

Tabela 7. Distribuição da variável qualitativa nominal “A profissão estava relacionada com o curso?”.

A profissão estava relacionada c/ o curso?	N.º alunos	%
Não respostas	105	54,4
Não	40	20,7
Sim	48	24,9
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 8 verificamos que à questão “Conseguia compatibilizar o curso com a profissão?”, 30,1% dos alunos responderam que “não”. O que é uma percentagem elevada quando comparada com a percentagem de alunos que dizem que “sim”, 14,5%. No entanto, mais uma vez, a percentagem de não respostas é muito elevada, 55,4%. Porque será que a maioria dos alunos, que abandonaram o curso, têm dúvidas sobre esta questão?

Tabela 8. Distribuição da variável qualitativa nominal “Conseguia compatibilizar o curso com a profissão?”.

Conseguia compatibilizar o curso c/ a profissão?	N.º de alunos	%
Não respostas	107	55,4
Não	58	30,1
Sim	28	14,5
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 9 constatamos que 31,7% dos homens consideraram que não conseguiam compatibilizar o curso com a profissão, contra 27,4% das mulheres. A percentagem de não respostas nas mulheres é de 58,9% e nos homens de 53,3%.

Tabela 9. Cruzamento das variáveis “compatibilidade do curso com a profissão” e “sexo”.

Sexo	Compatibilidade do curso com a profissão:			Total
	Não	Sim	Não respostas	
Feminino	<b>20</b> (27,4%)	<b>10</b> (13,7%)	<b>43</b> (58,9%)	73
Masculino	<b>38</b> (31,7%)	<b>18</b> (15,0%)	<b>64</b> (53,3%)	120
<b>Total</b>	58 (30,1%)	28 (14,5%)	107 (55,4%)	<b>193</b> (100,0%)

Na Tabela 10 temos que dos 193 alunos que compõem a amostra, 78 afirmaram ter sido o curso do IPT a sua primeira opção, o que a ser verdade nos parece motivo de alguma preocupação, pois trata-se de uma percentagem considerável, 40,4%. Foram apenas 10 os alunos que entraram com habilitações especiais (bacharelato, licenciatura, exames ad-hoc ou alunos estrangeiros inseridos em programas erasmus) e que abandonaram o IPT.

Tabela 10. Distribuição da variável qualitativa nominal “método de acesso ao IPT”.

Método de acesso ao IPT:		N.º alunos	%
Não respostas		46	23,8
Entrou em 1.ª opção?	Não	49	25,4
	Sim	78	40,4
Habilitações Especiais		10	5,2
Transferência		5	2,6
Mudança de curso		5	2,6
<b>Total</b>		<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 11 constatamos que das 73 mulheres, 45,2% entraram na primeira opção do curso pretendido e dos 120 homens, 37,5% entraram, também, na primeira opção. No método de acesso ao IPT (análise por coluna), das 78 entradas na primeira opção, temos 42,3% para o sexo feminino e 57,7% para o sexo masculino.

Tabela 11. Cruzamento das variáveis “método de acesso ao IPT” e “sexo”.

Sexo	Método de acesso ao IPT:						Total
	1.ª opção		Habilitações Especiais	Transferência	Mudança de curso	Não respostas	
	Não	Sim					
Feminino	<b>17</b> (23,3%)	<b>33</b> (45,2%)	<b>4</b> (5,5%)	<b>1</b> (1,4%)	<b>0</b> (0,0%)	<b>18</b> (24,7%)	73 (100,0%)
Masculino	<b>32</b> (26,7%)	<b>45</b> (37,5%)	<b>6</b> (5,0%)	<b>4</b> (3,3%)	<b>5</b> (4,2%)	<b>28</b> (23,3%)	120 (100,0%)
<b>Total</b>	49 (25,4%)	78 (40,4%)	10 (5,2%)	5 (2,6%)	5 (2,6%)	46 (23,8%)	<b>193</b> (100,0%)

Na Tabela 12 temos a distribuição de frequências da variável “número de matrículas no IPT”, para a amostra global e por sexo. Dos 113 homens que responderam a esta questão, 33,3% têm uma só matrícula e das 69 mulheres que responderam, 31,5% apresentam também uma só matrícula. Já com duas matrículas temos 21,9% das mulheres e 13,3% dos homens. Na comparação dos dois sexos, temos que para os homens: 3, 5 e 7 matrículas apresentam a mesma percentagem, 7,5%; e, para as mulheres: 5 e 7 matrículas têm a mesma percentagem, 5,5%.

Tabela 12. Distribuição da variável quantitativa discreta “n.º de matrículas no IPT”, para a amostra global e por sexo.

N.º de matrículas no IPT:	Amostra global	Sexo	
		Feminino	Masculino
1	<b>63</b> (32,6%)	<b>23</b> (31,5%)	<b>40</b> (33,3%)
2	<b>32</b> (16,6%)	<b>16</b> (21,9%)	<b>16</b> (13,3%)
3	<b>12</b> (6,2%)	<b>3</b> (4,1%)	<b>9</b> (7,5%)
4	<b>11</b> (5,7%)	<b>5</b> (6,8%)	<b>6</b> (5,0%)
5	<b>13</b> (6,7%)	<b>4</b> (5,5%)	<b>9</b> (7,5%)
6	<b>9</b> (4,7%)	<b>2</b> (2,7%)	<b>7</b> (5,8%)
7	<b>13</b> (6,7%)	<b>4</b> (5,5%)	<b>9</b> (7,5%)
8	<b>5</b> (2,6%)	<b>3</b> (4,1%)	<b>2</b> (1,7%)
9	<b>7</b> (3,6%)	<b>3</b> (4,1%)	<b>4</b> (3,3%)
10	<b>7</b> (3,6%)	<b>3</b> (4,1%)	<b>4</b> (3,3%)
11	<b>1</b> (0,5%)	<b>1</b> (1,4%)	
12	<b>5</b> (2,6%)	<b>1</b> (1,4%)	<b>4</b> (3,3%)
13	<b>1</b> (0,5%)	<b>1</b> (1,4%)	
14	<b>2</b> (1,0%)		<b>2</b> (1,7%)
15	<b>1</b> (0,5%)		<b>1</b> (0,8%)
Total	<b>182</b>	<b>69</b>	<b>113</b>
Dados em falta	<b>11</b>	<b>4</b>	<b>7</b>
Total na amostra	<b>193</b>	<b>73</b>	<b>120</b>

A Tabela 13 apresenta médias próximas ou iguais a 4 matrículas. Todavia, dado que a dispersão é relativamente elevada (com coeficientes de variação superiores a 50%) devemos atender aos valores de medidas mais robustas, menos sensíveis a valores extremos, como a mediana e a média aparada (que são superiores nos homens).

Tabela 13. Características amostrais da variável “n.º de matrículas no IPT”, para a amostra global e por sexo.

N.º de matrículas no IPT	Amostra Global	Sexo	
		Feminino	Masculino
Respostas válidas	182	69	113
Não respostas	11	4	7
Média	3,9	3,8	4
Média aparada (5%)	3,6	3,5	3,7
Mínimo	1	1	1
Máximo	15	13	15
Moda	1	1	1
1.º quartil	1	1	1
2.º quartil (mediana)	2	2	3
3.º quartil	6	5,6	6
Desvio padrão	3,5	3,3	3,5
Coefficiente de variação (%)	89,7	86,8	87,5

Na Figura 2 confirmamos que estamos, para ambos os sexos, perante uma distribuição unimodal assimétrica positiva (a moda da variável “número de matrículas no IPT” é um ano, para ambos os sexos).

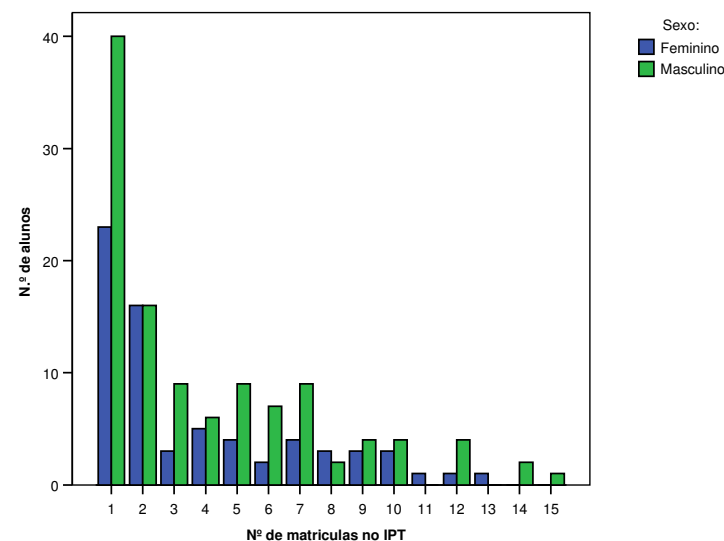


Figura 2. Diagrama de barras da variável “n.º de matrículas no IPT”, por sexo.

Na Tabela 14 temos a distribuição de frequências da variável “número de anos completos do curso”. Dos 193 alunos que compõem a amostra 120, o que corresponde a 62,2%, não completaram um único ano do curso. Dos alunos da amostra: 13,5% completaram 3 anos (o que equivale a bacharelato); 9,3% completaram 1 ano; e, só 2,6% completaram 4 anos (a licenciatura é de 5 anos).

Tabela 14. Distribuição da variável quantitativa discreta “n.º de anos completos do curso”.

Número de anos completos do curso:	N.º de alunos	%
Não respostas	10	5,2
0	120	62,2
1	18	9,3
2	14	7,3
3	26	13,5
4	5	2,6
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 15 dispomos de algumas estatísticas para a variável em causa. A moda e a mediana são zero e a média da variável não chega a um ano.

Tabela 15. Características amostrais da variável “n.º de anos completos do curso”.

N.º de anos completos do curso	Amostra Global
Respostas válidas	183
Não respostas	10
Média	0,79
Mínimo	0
Máximo	4
Moda	0
1.º quartil	0
2.º quartil (mediana)	0
3.º quartil	1
Desvio padrão	1,2

Na Tabela 16 verificamos, no entanto, que 5 (2,7%) alunos concluíram 4 anos do curso e nesta tabela de dupla entrada temos os valores que resultam do cruzamento das duas variáveis: “n.º de anos completos” e “sexo”. Com recurso a um teste estatístico (Qui-quadrado), testamos a hipótese de as duas variáveis em causa serem estatisticamente independentes na população e, com a informação disponível, fomos conduzidos a não rejeitar tal hipótese, com um grau de confiança de 95% (i.e., a um nível de significância de 5%). Assim, o facto do valor da estatística de teste não ser significativo indica que as duas variáveis em causa são independentes.

Tabela 16. Cruzamento das variáveis “n.º de anos completos do curso” e “sexo”.

Sexo	N.º de anos completos do curso:					Total
	0	1	2	3	4	
Feminino	<b>46</b> (64,8%)	<b>8</b> (11,3%)	<b>4</b> (5,6%)	<b>12</b> (16,9%)	<b>1</b> (1,4%)	71 (100,0%)
Masculino	<b>74</b> (66,1%)	<b>10</b> (8,9%)	<b>10</b> (8,9%)	<b>14</b> (12,5%)	<b>4</b> (3,6%)	112 (100,0%)
<b>Total</b>	<b>120</b> (65,6%)	<b>18</b> (9,8%)	<b>14</b> (7,7%)	<b>26</b> (14,2%)	<b>5</b> (2,7%)	<b>183</b> (100,0%)

Na Tabela 17 temos a distribuição de frequências da variável qualitativa “intenção dos alunos que não se matricularam no IPT”. A maioria dos alunos, 51,3%, afirma pretender fazer apenas uma pausa e 28,5% não respondem a esta questão.

Tabela 17. Distribuição da variável qualitativa “intenção dos alunos que não se matricularam no IPT”.

Pretende:	N.º de alunos	%
Não respostas	55	28,5
Desistir	39	20,2
Pausa	99	51,3
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Figura 3 observamos que a “fatia” mais pequena corresponde aos alunos que afirmaram pretender desistir, vale apenas 20,2%. É possível que alguns dos alunos que regressaram, neste ano lectivo de 2007/2008, pertençam às outras duas “fatias”. Na base da decisão do reingresso dos

vários alunos, por exemplo no curso de Eng.<sup>a</sup> Civil, poderá não ter sido indiferente o facto da adequação a Bolonha dos cursos do IPT, dado que os alunos pensam obter em menos anos uma licenciatura que lhes permitirá uma integração mais fácil no mercado de trabalho.

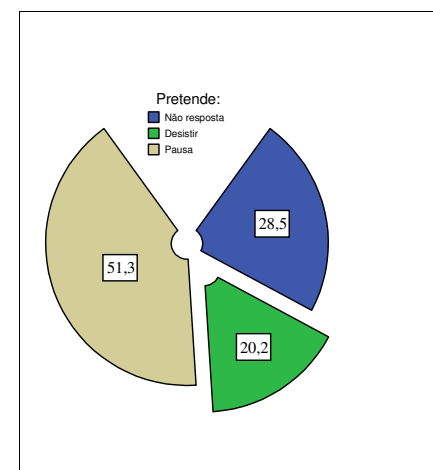


Figura 3. Gráfico circular da variável “intenção dos alunos que não se matricularam no IPT”.

Da Tabela 18 constam os valores que resultam do cruzamento das duas variáveis: “intenção dos alunos que não se matricularam no IPT” e “sexo”. Realizamos, também aqui, o teste estatístico Qui-quadrado, para testarmos a hipótese de independência das duas variáveis em causa e, neste caso, com a informação disponível, a decisão a tomar foi a de rejeitar a hipótese de independência, com um grau de confiança de 95%. Deste modo, somos levados a considerar que existe alguma dependência entre as variáveis, embora o coeficiente de contingência nos indique que essa associação é relativamente fraca.

Tabela 18. Cruzamento das variáveis “intenção dos alunos que não se matricularam no IPT” e “sexo”.

Sexo	O que pretende fazer em relação ao curso:			Total
	desistir	pausa	não respostas	
Feminino	<b>22</b> (30,1%)	<b>34</b> (46,6%)	<b>17</b> (23,3%)	73 (100,0%)
Masculino	<b>17</b> (14,2%)	<b>65</b> (54,2%)	<b>38</b> (31,7%)	120 (100,0%)
<b>Total</b>	<b>39</b> (20,2%)	<b>99</b> (51,3%)	<b>55</b> (28,5%)	<b>193</b> (100,0%)

Na Tabela 19 temos as respostas dos alunos à única pergunta aberta que se encontrava no questionário: “Qual o principal motivo de abandono do curso?”. A “falta de disponibilidade”, com 13,5%, a “distância”, com 10,9% e a “incompatibilidade horária”, com 10,4%, são os principais motivos apresentados pelos alunos para o abandono do curso que frequentava levou 2,6% e o motivo “preferência” do aluno pelo curso só 2,1%. Apenas 1,6% dos alunos referem como motivo de abandono “o valor das propinas” e igual percentagem para o motivo “dificuldades nas disciplinas de Matemática, Física e Química”. De salientar que, só um aluno (0,5%) referiu como motivo de abandono a “entrada noutra instituição”. A percentagem de alunos que não sabe ou responde a esta questão é de 28,5%.

Tabela 19. Distribuição dos alunos pelos principais motivos de abandono.

Principal motivo de abandono:	N.º de alunos	%
Não respostas	55	28,5
Condições do Instituto	1	0,5
Descansar dos estudos	2	1,0
Dificuldade na deslocação	1	0,5
Dificuldades a Mat., Fís. e Quí.	3	1,6
Distância	21	10,9
Entrada noutra Instituição	1	0,5
Não corresponder às expectativas	1	0,5
Falta de disponibilidade	26	13,5
Falta de motivação	2	1,0
Financeiro	16	8,3
Incompatibilidade horária	20	10,4
Já ter outro curso	2	1,0
Licença de maternidade	1	0,5
Motivos profissionais	19	9,8
Mudar de curso	3	1,6
Não ter estatuto de trabalhador estudante	1	0,5
Pessoal	1	0,5
Preferência	4	2,1
Valor das Propinas	3	1,6
Esperar pela remodelação do curso	1	0,5
Saúde	3	1,6
Vários	1	0,5
Vocação	5	2,6
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Na Tabela 20 temos as percentagens obtidas para um grupo de 10 variáveis qualitativas, em escala ordinal (escala de Likert), relativas à vocação, expectativas e preparação dos alunos para frequentar o curso, bem como variáveis que procuram perceber como classificam os alunos o curso, o departamento, as matérias leccionadas, os docentes, o IPT e até a Cidade de Tomar. Numa análise às percentagens da tabela verificamos que os três primeiros lugares, para a opção 5 – muito boa, estão distribuídos do modo seguinte: “a cidade de Tomar” recebe 21,8%, seguida da variável “o departamento da sua licenciatura”, com 9,3%, e da variável “os docentes”, com 8,8%. Os três primeiros lugares, para a opção 4 – boa, estão distribuídos por: “o IPT em termos globais”, com 40,4%, seguida da variável “o curso em termos globais”, com 33,7%, e da variável “o departamento da sua licenciatura”, com 33,2%. As três primeiras posições, para a opção 3 – suficiente, estão distribuídos por: “as matérias leccionadas”, com 35,2%, seguida da variável “a sua preparação para frequentar o curso”, com 30,6%, e da variável “a relação entre o curso que frequentava e as suas expectativas” com 26,9%. A variável “valor das propinas” recebe 24,9%, ainda na opção 3, e recebe nas opções 2 – má e 1 – muito má, 19,7% e 15,5%, respectivamente. A variável “a relação entre o curso que frequentava e a sua vocação” apresenta percentagens consideráveis nas opções: 3, 4 e 5, de algum modo em consonância com as ilações que se podem obter da Tabela 19. De salientar que a percentagem de não respostas se situa sempre acima dos 30%. Calculamos, ainda, o coeficiente de correlação ordinal de Spearman para as variáveis da Tabela 20 e após observação dos valores da matriz resultante destacamos três que são significativos, para um grau de confiança de 99%, e aos quais corresponde a relação directa entre as variáveis qualitativas: “os docentes” e “o curso em termos globais”, com um coeficiente de 0,561; “a relação entre o curso que frequentava e a sua vocação” e “a relação entre o curso que frequentava e as suas expectativas”, com um coeficiente de 0,465; e, “o curso em termos globais” e “o IPT em termos globais”, com um coeficiente de 0,457. Estes dados vêm confirmar algumas das ilações retiradas da análise dos valores da Tabela 20.

Considere, nos itens seguintes, a escala de pontuação:

Muito Boa	Boa	Suficiente	Má	Muito Má
5	4	3	2	1

Tabela 20. Distribuição de frequências de variáveis qualitativas ordinais que procuram classificar: a vocação e preparação dos alunos, o curso, o departamento, as matérias leccionadas, os docentes, o IPT e a cidade de Tomar.

Como classificaria:	Resultados em percentagem					
	5	4	3	2	1	*
A relação entre o curso que frequentava e a sua vocação	8,3	32,1	23,3	3,6	0,5	32,1
A relação entre o curso que frequentava e as suas expectativas	4,7	26,4	26,9	8,8	1,0	32,1
O departamento da sua licenciatura	9,3	33,2	23,8	1,0	0,5	32,1
As matérias leccionadas	1,6	24,4	35,2	5,7	0,0	33,2
Os docentes	8,8	28,5	25,4	2,6	0,5	34,2
A sua preparação para frequentar o curso	4,7	23,8	30,6	6,7	0,5	33,7
O valor das propinas	1,6	5,7	24,9	19,7	15,5	32,6
O curso em termos globais	4,1	33,7	25,4	3,1	0,5	33,2
O IPT em termos globais	7,8	40,4	17,6	1,0	0,5	32,6
A cidade de Tomar em termos globais	21,8	28,0	15,0	3,1	0,0	32,1

Nota: \* % de não respostas.

Na Tabela 21 temos que 60,1% dos alunos/ex-alunos “recomendaria o seu curso a um amigo” e na Tabela 22 verificamos que 63,7% dos alunos “recomendaria o IPT a um amigo para obter um qualquer curso superior”. São, obviamente, percentagens elevadas que vêm, pelo menos em parte, confirmar a coerência das respostas dadas às questões apresentadas na Tabela 20.

Tabela 21. Distribuição da variável qualitativa “recomendaria o seu curso a um amigo”.

Recomendaria o seu curso a um amigo?	N.º alunos	%
Não respostas	61	31,6
Não	16	8,3
Sim	116	60,1
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

Tabela 22. Distribuição da variável qualitativa “recomendaria o IPT a um amigo para obter um qualquer curso superior”.

Recomendaria o IPT a um amigo para obter um curso superior?	N.º alunos	%
Não respostas	60	31,1
Não	10	5,2
Sim	123	63,7
<b>Total</b>	<b>193</b>	<b>100,0</b>

### 3 Considerações finais

Os resultados obtidos neste estudo, realizado com base numa amostra de 193 inquéritos efectuados por telefone aos alunos que não se matricularam, no ano lectivo de 2005/2006, no curso que estavam a frequentar na ESTT do IPT, vêm mostrar que a maioria, 51,3%, pertence ao distrito de Santarém (seguidos dos distritos de Lisboa, 11,4%, e Leiria, 7,8%). Os cursos superiores que registaram mais abandono foram Engenharia Civil, com 37,3%, e Tecnologia e Artes Gráficas, com 16,1%. Foram os homens que apresentaram uma maior percentagem de abandono na amostra, 62,2% contra 37,8% das mulheres. Quase metade dos alunos que compõem a amostra (49,7%) é trabalhador estudante e possui uma idade que, em média, se situa entre os 26 e os 29 anos (aproximadamente). Apenas um ¼ dos alunos considera que o curso que frequentava estava relacionado com a profissão que desempenhava (54,4% dos alunos não sabe ou não responde a esta questão) e 30,1% dos alunos considerou que não conseguia compatibilizar o curso com a profissão (uma vez mais, temos uma percentagem elevada dos que não sabem ou não respondem, 55,4%). Da amostra global, 40,4% dos alunos afirmaram que o curso que frequentavam foi a sua primeira opção (45,2% para as mulheres e 37,5 para os homens). Dos 193 alunos que compõem a amostra, pelo menos, 50% dos alunos tem mais de 3 matrículas e mais de metade, 62,2%, não completou

nenhum ano do curso. A maioria dos alunos da amostra, 51,3%, afirmou que pretende apenas fazer uma pausa (os que consideraram ter desistido são 20,2% e os que não responderam a esta questão são 28,5%). Na única pergunta aberta do questionário: “Qual o principal motivo de abandono?” temos que 13,5% dos alunos apontam a “falta de disponibilidade”; 10,9% a “distância”; 10,4% a “incompatibilidade horária”; e, próximo, com 9,8%, vêm os “motivos profissionais”. Pensamos que, talvez não seja errado considerar que os três primeiros motivos se devam a motivos profissionais ou, eventualmente, familiares, uma vez que estes alunos têm, em média, uma idade superior a 25 anos e, aproximadamente, 50% é trabalhador estudante. Seja como for, o que nos parece recomendável é o IPT desenvolver “mecanismos de atracção” destes alunos, dado que 40,4% afirmou ter sido o curso do IPT a sua primeira opção e 51,3% considerou que apenas vai fazer uma pausa e, ainda, quase 30% não respondeu, o que poderá querer dizer que estão indecisos, entre desistir ou fazer uma pausa. Para além disso, 32,1% dos alunos desta amostra classificou como boa e 23,3% como suficiente “a relação entre o curso e a sua vocação”; 26,4% classificou como boa e 26,9% como suficiente “a relação entre o curso e as suas expectativas”; 23,8% classificou como boa e 30,6% como suficiente “a sua preparação para frequentar o curso”; uma percentagem elevada de alunos atribuiu, também, classificação boa e muito boa à cidade de Tomar, ao IPT, aos departamentos, aos cursos, aos docentes e às matérias leccionadas. 60,1% dos alunos/ex-alunos da amostra “recomendaria o seu curso a um amigo” e 63,7% “recomendaria o IPT a um amigo para obter um qualquer curso superior”.

Atendendo ao exposto anteriormente, julgamos aconselhável clarificar quais os principais motivos que conduzem ao abandono escolar dos alunos que constituem a amostra. Desde logo, se tivermos em consideração o número médio de matrículas efectuadas e o número médio de anos completos do curso, somos facilmente levados a acreditar que existe uma correlação positiva entre o insucesso e o abandono escolar, embora nenhum aluno referisse, na pergunta aberta do questionário, o insucesso escolar como principal causa de abandono (o que poderá, eventualmente, ser considerado um comportamento estratégico). Os motivos de ordem profissional e financeiro têm, obviamente, de ser tomados em consideração, dado que quase metade dos alunos que abandonaram o curso são trabalhadores estudantes. É bem possível que estes alunos tenham que assumir responsabilidades financeiras no final de cada mês e que, por isso, seja para eles prioritário manter o emprego. Importa não esquecer um estudo publicado no início de Setembro de 2007 pela Reserva Federal de Nova Iorque, que colocava Portugal como o terceiro país da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico onde é mais difícil sair do desemprego (adaptado do Jornal Público).

Os motivos de índole educacional e/ou cultural não são de resolução fácil e imediata e, neste caso, para além da acção da instituição de ensino terá de haver uma mobilização de toda a comunidade envolvente. Relembre-se as palavras do Presidente da República, no discurso de 05 de Outubro de 2007, que escolheu a comunidade e a escola para tema central do seu discurso e onde afirmou que “a comunidade envolvente deve apoiar os professores na sua missão. O combate ao abandono ou ao insucesso escolar, por exemplo, não pode ser empreendido apenas pelos docentes. A comunidade deve empenhar-se activamente em identificar as situações de abandono e exclusão, localizar as causas do insucesso, e reorientar os alunos no caminho certo, em articulação com a escola, as famílias e os técnicos especializados”. Acrescentou, ainda, que “temos, de facto, de adoptar uma nova atitude perante a escola. Temos de perceber que aí residem os activos mais importantes do nosso futuro” (adaptado de [www.presidencia.pt](http://www.presidencia.pt)). Já em 2003, um estudo de âmbito nacional sobre o insucesso e abandono escolares em Portugal, do Gabinete do Ministro da Educação, indicava que na definição de uma estratégia, para superar o insucesso e abandono escolar, importa considerar a expressão local e regional que o fenómeno apresenta. E que, embora, as políticas *macro* possam contribuir para a resolução do problema, terá de haver uma consciencialização e mobilização das escolas e das comunidades locais para um combate que a todos diz respeito (adaptado de [www.sprc.pt/paginas/Propostas/Docs/abandono.pdf](http://www.sprc.pt/paginas/Propostas/Docs/abandono.pdf)). Em 2006, os participantes no 1º Congresso Nacional de Combate ao Insucesso e Abandono Escolar, que decorreu em Resende, Viseu, concluíram que para combater o problema é preciso “pensar global e agir local”. Em debate neste encontro estiveram as causas e consequências do absentismo, insucesso e abandono escolar. A representante da Associação Juvenil para o Desenvolvimento (AJUDE), Tatiana Almeida, frisou que “o combate ao insucesso escolar começa no ensino pré-escolar”, uma altura em que “são desenvolvidas as primeiras aprendizagens sociais”. No ensino actual, “a escola não conhece o

aluno enquanto indivíduo que chega com uma história de vida”, sendo necessário “um acompanhamento directo ao longo de todo o ensino”, acrescentou. A mesma responsável apontou ainda a “necessidade de regionalizar a educação”, de forma a “tornar o sistema de ensino mais próximo”. Entre as conclusões apresentadas, a representante da AJUDE apontou também a necessidade de “recriar a ligação entre a escola e a comunidade”. Cada escola é “um caso concreto que pode desenvolver soluções específicas e individuais que envolvam toda a comunidade. É também neste âmbito que a família pode ser um instrumento de sucesso”, frisou. Após dois dias de debate, concluiu-se ser “urgente a criação de uma nova cultura, baseada no gosto pela leitura, pelo ensino e pela escola com níveis de qualidade cada vez mais elevados”, lembrou. (adaptado do Jornal de Notícias, 16.10.2006).

Nos últimos anos muito se tem falado e escrito sobre o ensino em Portugal e as suas deficiências (são exemplos: Cabral, 2006; Caetano, 2005; Crato, 2006) e todos esperamos que os diferentes estudos que se vão realizando possam contribuir para uma avaliação mais correcta do problema e que levem ao desenvolvimento e implementação de medidas criteriosas que ajudem a melhorar o ensino no nosso país. Por exemplo, verifica-se, actualmente, por parte das instituições de ensino, uma preocupação crescente em compreender quais as estratégias de ensino a utilizar, de forma a melhorar o rendimento académico dos alunos. Mas, também, não podemos deixar de concordar com os psiquiatras, psicólogos e sociólogos (vejam-se, como exemplos: Cury, 2004; Marujo *et al.*, 1999) que consideram necessária uma maior intervenção por parte dos pais na educação dos seus filhos de modo a que estes desenvolvam uma atitude mais positiva sobre a escola. Como escreveu o psiquiatra e escritor Augusto Cury “A vida é uma grande universidade, mas pouco ensina a quem não sabe ser aluno”.

A terminar, pensamos que em muitos casos os diferentes motivos que conduzem ao abandono escolar no ensino superior não podem ser considerados individualmente e que, como esperamos que tenha ficado claro neste estudo, as causas/motivos que levaram ao abandono do curso, dos alunos desta amostra, não estão relacionadas com a instituição de ensino. Diga-se a propósito que, o Instituto Politécnico de Tomar possui um corpo docente relativamente jovem e em constante formação, que utiliza um ensino de proximidade e que tem vindo a desenvolver estratégias de ensino, nomeadamente através da introdução de novas tecnologias, com o objectivo de promover o sucesso dos seus alunos; é, ainda, uma instituição que possui um *campus* dotado de excelentes condições, vários edifícios com modernas salas de aulas, anfiteatros, laboratórios, novos refeitórios e residências para estudantes, uma apetrechada biblioteca, várias salas com computadores com acesso à Internet e zonas wireless. Enfim, as infra-estruturas necessárias para um bom desempenho dos alunos, assim estes aprendam a valorizar socialmente o saber, o conhecimento e a cultura.

## Bibliografia

- Cabral, M. C. (2006). Estudo da expansão do sistema de ensino superior português nas últimas décadas. *Departamento de Economia da Universidade do Minho*.
- Caetano, L. (2005). Abandono escolar: repercussões socio-económicas na região centro. Algumas reflexões. *Finisterra*, XI, 79, pp. 163-176.
- Crato, N. (2006). Desastre no ensino da Matemática: como recuperar o tempo perdido. *Sociedade Portuguesa de Matemática/Gradiva*.
- Cury, A. (2004). Pais brilhantes, professores fascinantes (como formar jovens felizes e inteligentes). *Editora Pergaminho, Lda*.
- Marujo, H., Neto, L. e Perloiro, M. (1999). Educar para o optimismo (guia para professores e pais). *Editorial Presença*.

**Anexo A:**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR**  
**Escola Superior de Tecnologia de Tomar**  
 (www.ipt.pt ou www.est.ipt.pt)

**INQUÉRITO AOS ALUNOS QUE NÃO SE MATRICULARAM NO CURSO  
 QUE ESTAVAM A FREQUENTAR NO IPT, ANO LECTIVO 2005/2006**

1 Idade: \_\_\_\_\_

2 Sexo:  Masculino  Feminino

3 Local de residência (Cidade/Vila/Aldeia): \_\_\_\_\_

4 Distrito: \_\_\_\_\_

5 Estava inscrito no IPT, no bacharelato/licenciatura, em:

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Artes Plásticas-Pintura                  | <input type="checkbox"/> Engenharia Informática                        |
| <input type="checkbox"/> Conservação e Restauro                   | <input type="checkbox"/> Engenharia Química                            |
| <input type="checkbox"/> Engenharia do Ambiente                   | <input type="checkbox"/> Fotografia                                    |
| <input type="checkbox"/> Engenharia Civil                         | <input type="checkbox"/> Gestão do Território e do Património Cultural |
| <input type="checkbox"/> Engenharia Electrotécnica e Computadores | <input type="checkbox"/> Tecnologia e Artes Gráficas                   |

6 Era trabalhador-estudante?  Sim  Não.

6.1 Se sim: Em que localidade? \_\_\_\_\_

A profissão estava relacionada com o curso que frequentava?  Sim  Não.

Conseguia compatibilizar o curso com a profissão?  Sim  Não.

7 Entrada no curso do IPT: primeira opção?  Sim  Não;

habilitações especiais? ; transferência ; mudança de curso .

8 Quantos anos esteve matriculado no IPT? \_\_\_\_\_

9 Quantos anos do bacharelato/licenciatura completou?  0  1  2  3  4  5

10 Pretende:  Desistir definitivamente do curso  Fazer uma pausa temporária.

11 Encontra-se matriculado noutra instituição?  Sim  Não.

11.1 Se sim, em qual? \_\_\_\_\_ 11.2 E, em que curso? \_\_\_\_\_

11.3 Se não, está a desempenhar alguma função, qual? \_\_\_\_\_

12 Qual o principal motivo que o (a) levou a abandonar o IPT? \_\_\_\_\_

13 Considere, nos itens seguintes, a escala de pontuação:

Muito Má	Má	Suficiente	Boa	Muito Boa
1	2	3	4	5

Como classificaria:

13.1	a relação entre o curso que frequentava e a sua vocação;	5	4	3	2	1
13.2	a relação entre o curso que frequentava e as suas expectativas;	5	4	3	2	1
13.3	o departamento da sua licenciatura;	5	4	3	2	1
13.4	as matérias leccionadas;	5	4	3	2	1
13.5	os docentes;	5	4	3	2	1
13.6	a sua preparação para frequentar o curso;	5	4	3	2	1
13.7	o valor das propinas;	5	4	3	2	1
13.8	o curso em termos globais;	5	4	3	2	1
13.9	o IPT em termos globais;	5	4	3	2	1
13.10	a cidade de Tomar em termos globais.	5	4	3	2	1

14 Recomendaria o seu curso a um amigo?  Sim  Não.

15 Recomendaria o IPT a um amigo para obter um qualquer curso superior?  Sim  Não.